

INSOLÍTUDES ACRES, HÍBRIDAS E FRONTEIRIÇAS: AS DISPUTAS PELAS IDENTIDADES¹

Francisco Bento da Silva (Ufac)

*cada lugar es la frontera de outro lugar,
cada ser humano es la frontera del otro.*

Fernando Ainsa

RESUMO

Este breve ensaio em um exercício inicial visando abordar as polissêmicas narrativas, situadas em tempos diversos, que atribuem ao Acre como espaço geográfico, unidade política e território socialmente vivido distintas representações. Comumente essas representações são desde o início do século XX realçadas em meio jornalísticos, discursos de autoridades, relatórios oficiais, produções literárias e artísticas. Há disputas abertas e latentes ao longo do tempo que reverberam ainda nos dias de hoje, fruto das disputas armadas e diplomáticas pela posse do território acreano entre brasileiros, bolivianos e peruanos. Isso tudo gerou e gera construções de fronteiras reais e simbólicas, identidades mescladas ou vistas como “autênticas” em zonas de contatos permeadas de elementos movediços, que se reforçam, se desfazem e se reconstroem na busca de afirmações históricas, políticas e ideológicas. Para este breve texto, utilizamos como aportes de diálogos charges, matérias de jornais e revistas, fotografias de monumentos históricos relacionados ao que percebemos aqui como fazendo parte de um *Acre insólito*. Na busca de compreensão e análise, fizemos uso de algumas concepções de abordagem advindas de autores como: Kiening (2014); McClintock (2010); Cesaire (1978); Hall (2003); Orlandi (1990) e Albuquerque Junior (2014).

Palavras-chave: Acre. Fronteira. Representações. Identidades.

PREÂMBULO

Este pequeno artigo deriva de minha palestra ocorrida em 10 de abril de 2015, no Teatro Banzeiro, em Porto Velho, durante a realização do *I Congresso métodos fronteiriços: objetos míticos, insólitos e imaginários*, organizado pelos professores da Universidade Federal de Rondônia. A mesa da qual fiz parte chamou-se *Objetos raros, objetos híbridos: o que há nas fronteiras?* e eu fui então instigado pelos organizadores do evento a falar de um Acre insólito.

Início esta exposição pontuando os três elementos realçados no título pretensioso dado a minha breve comunicação para discutir algumas questões relacionadas ao Acre em períodos de tempo distintos. Começo me referindo ao título: nas variantes dicionarizadas do termo, Acre pode ser percebido

¹ Palestra intitulada de “O Acre insólito” e apresentada durante o *I Congresso - Métodos Fronteiriços: objetos míticos, insólitos e imaginários* realizado entre os dias 08 e 10 de abril de 2015 no Teatro Banzeiro, em Porto Velho – Rondônia (Brasil). Trabalho não publicado.

como algo azedo, áspero, penetrante, agudo e até violento. Já a palavra hibridez traz a ideia de algo misturado, às vezes alguma coisa sem identidade ou cara definida, sendo a síntese dos elementos formadores iniciais. A hibridez também carrega, geralmente, a polaridade dos elementos que compõem sua existência e manifestação. Por fim, a fronteira que é o local de transição, espaço dúbio, de alteridade, de passagem para outro terreno, outro lugar. *Front* é espaço de encontros e confrontos, posições e oposições. Seu significado tem uma latente perspectiva belicosa.

Tudo isso é insólito, palavra que é um adjetivo polissêmico. Significa algo anormal, incomum, extraordinário. E que parece vir da mesma raiz semântica de solidude, solidão, solitário. Aqui, duas as palavras latinas *solitudine* e *insolitu* se aproximam. Lugares insólitos às vezes são também narrados como espaços de solidão, amargos, de apatia, de falta de algo, incompleto, enfim, lugares acres.

O ACRE INSÓLITO

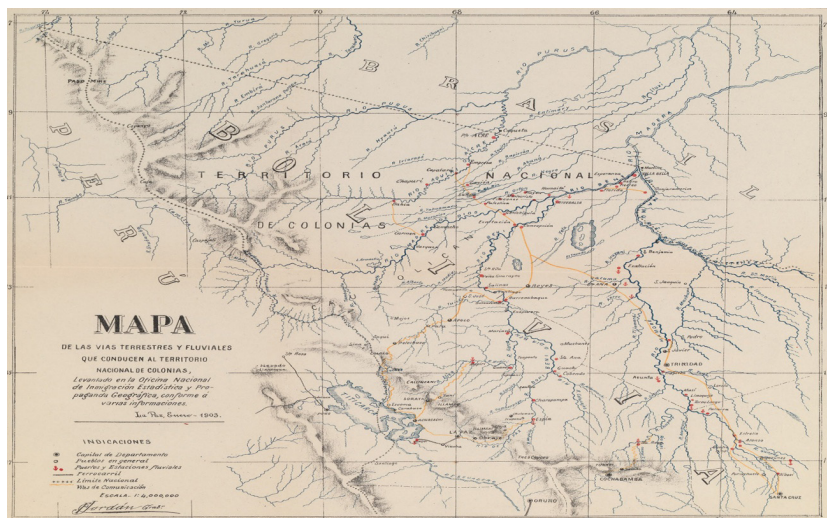
Começo então falando de um Acre, que antes de ser Acre era uma região desconhecida pelo olhar do colonizador. Por isso região nomeada como “tierras no descubiertas” durante boa parte do século XIX em mapas diversos. Partindo desta perspectiva, se compreende que há um Acre a-histórico: visto como destituído de história, lugar anacrônico (fora do “tempo”), a margem de ambos pelo olhar colonizador e até de intelectuais renomados da República. Então, “espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, de passado e de presente, de interior e exterior” (SKLIAR & DUSCHATZSKY, 2011, p. 119).

Temos um Acre que na virada do XIX para o XX torna-se objeto de desejo da Bolívia, que tinha como pretensão ocupar o território e exercer sua imaginada soberania e desejado domínio. Contudo, a república andina nunca exerceu de forma consistente sobre o Acre qualquer uma dessas duas formas de controle. A soberania era somente legal, mas não real, requerida sobre um território boliviano palmilhado havia muito por visitantes não convidados de outras nacionalidades que irão ocupar e explorar suas riquezas com volúpia.

O domínio, do latim *domus*, poder sobre a casa, nunca foi efetivado na região acreana pelos bolivianos. Quando tentado, foi rechaçado por aqueles que a historiografia local chamou de intrépidos seringueiros nacionalis-

tas que tornaram o Acre “brasileiro por opção”. Algo que hoje é mimetizado em *slogans* do tipo: “orgulho de ser acreano”; “Acre, um só coração” e por aí vai. Essa tentativa e intencionalidade de colonizar a região de fronteira, já hibridizada pela presença desde muito de diversos grupos indígenas e da chegada constante de “outros” sujeitos: sejam eles brasileiros, peruanos, bolivianos, europeus, judeus, árabes e demais adventícios foi algo concreto. Diante da fragilidade que a Bolívia tinha sobre o Acre, a saída que as autoridades desse país encontraram foi adotar o modelo das *Chartered Company*, de persistente signo colonial (TOCANTINS, 2000) desde meados do século XVI.

Nos dois mapas a seguir temos a cartografia imaginária da região acreana, baseada nas escalas e nas narrativas que não são feitas essencialmente por meio de palavras, mas de signos diversos: números, graus, meridianos, paralelos, linhas de divisão, etc. Esse discurso cartográfico, como os demais, precisa de um lugar de onde possa emergir e também para quem ele se direciona. Desenhar um mapa é sempre cristalizar certas ideias e informações disponíveis em um dado momento histórico (ZUNINO, FERREIRA & ORIHUELA, p. 57). O mapa é por definição um artefato de poder, uma carta gráfica que diz à quem um determinado espaço pertence. Brasileiros e bolivianos disputavam também nos mapas o poder sobre o Acre.



Mapa 01: Las vías terrestres y fluviales que conducen al Territorio Nacional de Colonias, Enero de 1903, La Paz. Fonte: Biblioteca de Harvard (<http://vc.lib.harvard.edu/>). Latin American Pamphlet Digital Collection.

A partir desta ideia, temos então um Acre pensado dentro

da ótica colonial, território de riquezas que deveriam servir aos interesses imperialistas e subalternamente aos das elites dirigentes bolivianas. Ou seja, nessa perspectiva da conquista e da exploração econômica e humana, há um Acre que inicialmente não é de ninguém; Um Acre que está “lá”, geograficamente falando, esperando ser descoberto, colonizado; um Acre boliviano de direito pelo Tratado de Ayacucho desde 1867; um Acre já abrasileirado majoritariamente pelos brasileiros do Acre, mas que a Bolívia queria se apoderar; um Acre litigioso quando o Barão do Rio Branco entra em cena e impõem as condições de negociação; E, por fim, um Acre brasileiro a partir de 1903 com o Tratado de Petrópolis.



Mapa 02: Acre litigioso, por Horacio E. Williams (1905). Fonte: Biblioteca Nacional, Brasil. (bndigital.bn.br).

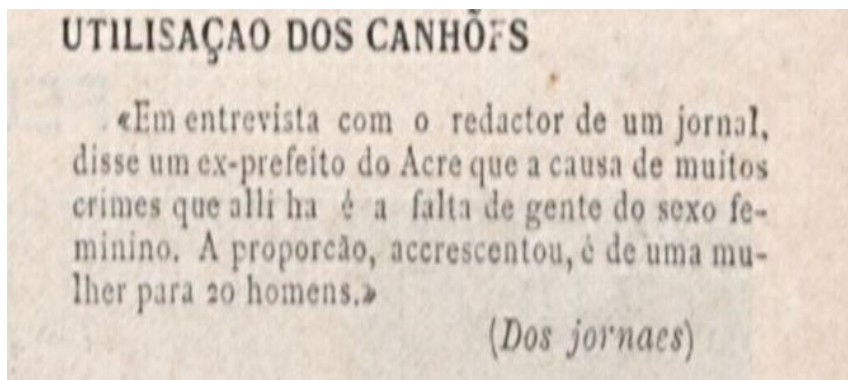
É somente no alvorecer do século XX que o Acre ganha com mais intensidade as páginas da imprensa e dos meios diplomáticos da capital da República brasileira, em La Paz, ecoa em Londres, Nova York e outras cidades importantes do cenário econômico mundial e nacional. Fazendo uma alusão a Eni Orlandi (1990, p. 50), é um Acre que não fala, o Acre é essencialmente falado.

O Acre torna-se assim é pretexto para o discurso do outro, que o traduz e o mostra muitas vezes como a imagem invertida de si. Há um Acre onde de forma recorrente se evidencia o aparente, o folclorizado, o exótico, o amargo, o vazio, o mortífero, o distante, a selva selvagem, entre outros epítetos de negatividade tão recorrentes ao longo do tempo. Esse é o Acre de colonização à gandaia e povoamento tumultuário, de acordo com Euclides da

Cunha em *A Margem da História*. Um Acre de macieza e aspereza que também é meu, nos dizeres adocicados de Mário de Andrade em seu poema *Acalanto do seringueiro* (1927). Acre que o marginalizado Lima Barreto sonhava em conhecer algum dia, com afirma em seu *Diário íntimo*; Acre em que Nelson Rodrigues, no conto *A morta* publicado na obra *A vida como ela é*, interna seu personagem Quincas, assassino que mata uma mulher no Rio de Janeiro e resolve se acoiatar no Acre e, ao chegar nessas terras, sua fixação é encontrar alguma mulher disponível para aplacar seus desejos carnisais. Por fim, Acre é o local que Olavo Bilac sugere na crônica *Menor perverso* (1909), como o mais adequado para o desterro de um menor assassino de 09 anos que matou outro de apenas 03 anos na capital da república (BILAC, 2005, p. 109).

Como podemos perceber, o Acre atrai manifestações de apreço, de repulsa, de distanciamento, de curiosidade desde muito por vozes externas e internas que o narram. São representações carregadas de múltiplos valores e interesses. São referencias de épocas distintas, assim como os exemplos de insólitudes que selecionei a seguir.

INSÓLITO I – A PIADA, O PROBLEMA



FONTE: Revista *O Malho*, 1909, n° 380, p. 44. Acervo da Biblioteca Nacional.

Neste pequeno texto, publicado na revista humorística *O Malho*, temos a “informação” de uma aludida entrevista publicada em um jornal indeterminado de um ex-prefeito do Acre cujo nome também é oculto. A veracidade ou não da informação não tem importância. Ela, seja real ou fictícia, é apenas um expediente utilizado para a construção de outra narrativa/discurso.

O título faz alusão a canhões e o texto à decantada rarefação de mulheres no Acre como um problema enfrentado pelos homens que ali vi-

viam, algo tão crítico que preocupava até as autoridades ali estabelecidas. Constituindo desta forma uma sociedade masculinizada e fállica, cuja vazão aos desejos carnavais é obliterada num local onde a mulher é um bem valioso e rarefeito, como bem percebeu Quincas. No Acre de outrora, a figura feminina é narrada como um insólito objeto disputado por homens diversos em suas carências também diversas.

Isso aparece em obras de cunho literário, mas também está presente em obras historiográficas. Essa ausência anunciada permite as mais variadas soluções: envio para o Acre de mulheres acusadas de prostituição no Rio de Janeiro para se tornarem honradas no Acre, segundo as autoridades, como ocorreu em 1904 e 1910 nas revoltas da Vacina e da Chibata. Fictícias prostitutas decadentes de Manaus que chegam ao Acre e tornam-se objetos de desejo, como a personagem Conchita, presente na obra *Coronel de Barranco*, de Cláudio Araújo Lima. Casos de zoofilia como o cometido pelo seringueiro Agostinho e narrado na obra *A Selva*, de Ferreira de Castro, que se agregam aos relatos de homossexualismo e pedofilia como saídas para o abrasamento sexual masculino diante da falta de mulheres. De mulheres índias capturadas em correrias para servirem de esposas, concubinas e escravas sexuais aos “brancos” que ali vão se estabelecendo. Essas questões já são bastante conhecidas pela produção historiográfica local e também fazem parte de certa memória coletiva herdada que paira sobre o Acre ainda nos dias de hoje.

INSÓLITO II – A CHARGE, A SOLUÇÃO

Esse discurso da ausência, da carência, onde beleza não se põe na mesa e os valores morais imperam com elasticidade ou são estilhaçados, permitem ironias como a da charge mostrada a seguir (CHARGE 01).

Nessa charge temos três mulheres e elas são identificadas como as três graças. É uma ironia aberta, direta, que ao mesmo tempo remete aos seus possíveis nomes de batismo. O que a charge quer realçar é a feiura das três solteironas, cuja tábua de salvação que resta para elas é ir do Rio de Janeiro para o Acre de homens solitários. As graças sem graças seriam ali naquela zona de contatos mulheres disputadas. Portanto, se temos homens colonizando a fronteira e homens subordinados a esta colonização à gandaia, temos mulheres colonizadas mais ainda pelo poder do gênero oposto.



Charge 01: As três graças... Revista *O Malho*, 1909, nº 380, p. 44. Acervo da Biblioteca Nacional

Como bem expressa Anne McClintock (2010), na fantasia de descoberta do Novo Mundo e de ocupação de regiões considerada inóspitas, essas áreas são tornadas femininas e tudo é “especialmente exposto a exploração masculina” (p. 47). Ela conclui sua análise dizendo: “figuras femininas eram plantadas como fetiches nos pontos ambíguos de contatos, nas fronteiras e orifícios das zonas disputadas” (ibidem).

É tão forte essa imagem que as terras inexploradas colonialmente serão chamadas de virgens, a mata é também dita virgem e a natureza “espera” os seus exploradores desvirginadores que um dia chegarão para fincar os alicerces “civilizatórios”. Chegam com seus canhões reais ou metafóricos, para ocuparem o que é narrado como vazio, selvagem e virginal. Há aí uma erotização do espaço colonial, inseminado pela conquista discursiva, bélica, política e econômica do “civilizado” para que ele então possa ser dominado e explorado de forma justificada pelo adventício.

INSÓLITO III – FRONTEIRAS E IDENTIDADES DILUÍDAS



FOTO 01: Outdoor na fronteira entre Brasiléia (BR) e Cobia (BOL). Acervo de Francisco Bento, 2006

Nesta imagem acima e na outra a seguir temos um *outdoor* na margem esquerda do rio Acre, na fronteira Brasil – Bolívia. Aí fica a cidade boliviana de Cobia, capital do Departamento de Pando, ao fundo temos o quartel da marinha boliviana. Isso por si só já é muito insólito, a Bolívia, junto com mais seis países no mundo todo tem marinha, mas não tem mar. Mas voltando a placa e sua mensagem que ela traz: ela foi fincada ali em 2006, próximo à ponte que atualmente liga e divide as cidades de Brasiléia e de Cobia, e fazia referencia ao centenário da cidade boliviana na fronteira. Quem ali passava era recepcionado pelo outdoor com a chamativa frase: “Bienvenidos a Cobia, la perla del Acre”.

Quem é esse Acre ali referenciado: é o rio? é o estado? é a região? todos esses elementos juntos? a indeterminação e a leitura multifacetada parecem ser a marca da frase dúbia. É uma frase que remete ao orgulho ou a perda dele, diante das feridas não cicatrizadas do passado conflituoso com brasileiros? O polissêmico, ambivalente e indefinido Acre citado na placa, acaba sendo o vértice que aproxima brasileiros e bolivianos em fronteiras. Mas é uma aproximação que não tem a capacidade de fusão ou homogeneidade. Pelo contrário é heterogeneidade, separação, conflitos latentes e abertos, comércio e relações de trabalho desiguais, línguas misturadas e preconceitos em tons irônicos sempre latentes e presentes.



FOTO 02: idem.

Cobija é uma cidade hibridizada pela presença constante de brasileiros comprando produtos importados, quase todos chineses, sendo atendidos por muitos brasileiros empregados no comércio local e quase todos se tratando por patrícios. Patrício, por sinal, é um tratamento que esconde fissuras, conflitos e diferenças culturais nessa zona de contato e de fricção. Há as mulheres indígenas em seus trajes étnicos vendendo comidas e bebidas nas ruas, discriminadas muitas vezes de forma dupla por brasileiros e bolivianos que se acham elitizados e brancos.

Mas de que Acre Cobija é considerada uma perólaç, uma raridadeç, um objeto insólito e de fronteiraç. Na imagem a seguir (FOTO 03), temos novamente a mesma referência colocada na outra via de acesso pelo Brasil à cidade de Cobija. Esta frase está fixada em uma espécie de portal logo após a ponte entre Epitaciolândia e Cobija, próximo ao posto aduaneiro boliviano. Aparentemente dá boas vindas aos visitantes brasileiros e anuncia aos acreanos, maioria que cruza a ponte na ida, que irão encontrar do outro lado a “pérola do Acre”. Nesse viés, encontramos também algumas vans que fazem o transporte coletivo local, carregando fixadas em suas laterais a mesma frase que transita entre o viés do confronto, do orgulho disputado e do irônico.



FOTO 03: Placa de boas vindas na ponte fronteiriça entre Epitaciolândia (BR) e Cobija (BOL). Acervo de Francisco Bento, 2015.

Essa retórica do confronto é exaltada na imagem vazada no numero 100 (FOTO 04), onde um indígena aponta uma flecha incendiária para o outro lado do rio Acre. Esse índio Tacana/boliviano mimetizado no *outdoor* chama-se Bruno Racua. Ele é uma “personagem de fronteira” (PRATT, 1999, p. 59). Heroificado pelos bolivianos devido seus aludidos feitos gloriosos em uma das batalhas vencida pelos patrícios durante “La guerra del Acre”, em outubro de 1902.



FOTO 04: Estátua do soldado indígena Bruno Racua em Cobija (BOL). **FONTE:** <https://goo.gl/MXF2KX>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

Sua posição desafiadora, preparado para o ataque serve para lembrar da permanência de um passado não resolvido, de um passado acre, amargo para o “outro” derrotado e despossuído do seu antigo território. Na imagem a seguir temos a estátua de Bruno Racua situada em uma praça central próxima a zona comercial de Cobija. A imagem vazada na placa mostrada anteriormente remete a este monumento cívico dos pandinos. E cuja placa de bronze (FOTO 05) fixada no pedestal, atesta a qualidade vigorosa e inusitada de um soldado indígena, flecheiro e incendiário. Herói do outro lado, no final vencido e apagado na história dos vencedores da guerra, “os brasileiros do Acre”.

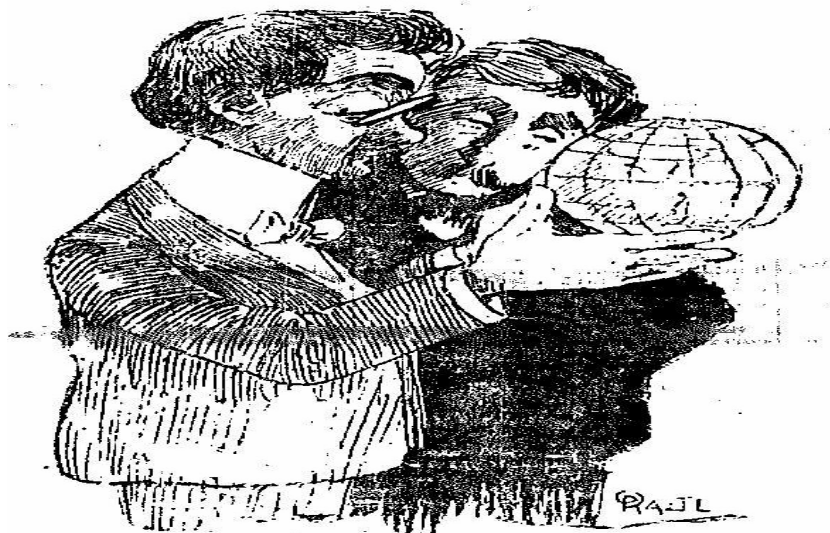


FOTO 05: Placa na base da estátua de Bruno Racua. Acervo de Francisco Bento, 2015.

Na imagética produzida pelo *outdoor*, portal e estátua, há a predominância do retórico sobre o factual e que acaba por lhes dar sentidos. Há um passado imaginado sobre uma região também imaginada. Ou seja, construído socialmente e mutável de acordo com o lugar de onde discursivamente ele emana. São, nestes casos mostrados, imaginários coletivos em confronto, disputas pelo passado que melhor covem a quem é instigado a se posicionar sobre ele. É sobre um Acre que não foi *doméstico* aos bolivianos e nem *domesticado* pelos bolivianos. Mas que a cidade de Cobija, através de suas autoridades, expressa ser o artefato mais valioso no dístico posto em duas pontes e voltados para o lado brasileiro. O público leitor, a quem se dirige a mensagem não é o boliviano: mas o acreano. Esse discurso da conveniência, exagerado, pensado para um determinado público, é o nosso próximo e último objeto insólito.

INSÓLITO IV – ACRE, A SIBÉRIA TROPICAL

GEOGRAPHIA POLITICA



— Onde fica a Sibéria do Brasil?
— Que pergunta! No Acre...

Charge 02: Geographia política, *Jornal do Brasil*, nº 334, 29/11/1904. Acervo da Biblioteca Nacional

O Acre em particular e a Amazônia em um contexto mais amplo, eram piores do que a Sibéria russa na visão de muitos que faziam essa associação ligeira entre esses dois ambientes naturais. Espaços indelevelmente marcados pelas concepções de vastidão, isolamento, natureza adversa ao elemento humano e ausência de *civilização*.

É recorrente essa alusão entre a Sibéria e a Amazônia — ou determinados lugares da Amazônia —, onde ambas são apontadas como sinônimas de lugares remotos, distantes dos seus centros administrativos, espaços de natureza hostil ao homem, vastos “desertos”, regiões atrasadas e lugares de exílios, ambas funcionando como imensas prisões sem grades para os que lá estavam ou eram enviados.

É recorrente encontrar em periódicos, relatórios oficiais sobre as revoltas de 1904 e 1910, expressões como “povoar o Acre” com os desterrados; que ali era uma “selva selvagem”; fala-se de “deportados para o Acre” e que eles foram enviados “sorratamente para o Acre”; de que seguiram a “passeio ao Acre”; que tiveram “destino conveniente”; no Rio, todos os chamados vagabundos eram potenciais “aspirantes ao Acre” ou “candidatos ao Acre”; por isso, diziam: “Acre com eles!”; que eles realizariam uma “viagem de

instrução ao Acre”; e ali haveria a “regeneração pela borracha”; naquela que seria uma “sociedade de quarta ordem” e espécie de “Sibéria tropical”, entre outros termos correlatos que exprimem tais anátemas.

Aparece nessas fontes, em maior ou menor grau, um sentimento de rejeição e aversão em relação ao Acre. Pela ótica das autoridades e da imprensa esse território é comumente mostrado como sendo por excelência um lugar adequado para receber aquele tipo de gente que foi desterrada. O Acre era assim um destino malfadado tal como o Brasil do século XVI, descrito por Gil Vicente em sua obra *Auto da barca do purgatório*, cuja uma das passagens assim diz: “e marinheiros sodes vós? Ora asi me salve Deus e me livre do Brazil” (PIERONI, 2000, *op. cit.*, p. 249.). Se fosse possível reatualizá-la para o início do século XX, na perspectiva daqueles considerados vagabundos, talvez ficasse assim essa frase: “Deus me salve e me livre do Acre”.

FORMAÇÃO DO NOVO MUNDO.:



— Que desaforo ! Mandarem mulheres para o Acre...
lá para os confins do Judas, onde o diabo perdeu as botas !...
Pouca vergonha ! Pois não basta irem os homens ?
— Não, minha filha, não basta ! Aquillo é um novo Pa-
raíso : já está cheio de Adões... só faltam as Evas... Si ellas
não forem — babão ! — lá se vai o mundo da borracha por
agua abaixo...

Charge 02: Formação do novo mundo, *O Malho*, 10/12/1904, ano III, nº 117, p. 18. Acervo da Biblioteca Nacional.

É esse Acre que no alvorecer do século XX, território recém incorporado ao mapa geográfico nacional, aparece em muitas das representações mentais de autoridades, jornalistas e populares com um lugar distante,

vazio, atrasado e carente de civilização. Os banidos para esse lugar de má reputação são simetricamente também apontados como pessoas dotadas de múltiplas negatividades e nocividades. Juntam-se então corpos de sujeitos recalcitrantes com um lugar em muito já mal afamado, para daí moldarem um “Novo mundo” distante, conforme expressa o fictício diálogo, mas crível de ter ocorrido — portanto verossímil —, entre duas senhoras inserido na charge a seguir.

O tom sarcástico pauta toda a conversa, onde o tema central gira em torno dos desterramentos ocorridos para o Acre. E toca num ponto pouco abordado pelo governo e pelos jornais da época: a ida de mulheres entre os banidos para o Acre, localizados “lá para os confins do Judas, lá para onde o diabo perdeu as botas!”, conforme expressa o diálogo. Eram homens e mulheres fundando um novo “paraíso”, destino para o qual ninguém queria ir a não ser por interesses bem focados ou por obrigação. Nessa perspectiva do semanário e do chargista, só havia “Adões” e “Evas” compulsórios na formação daquele “mundo da borracha”. A ironia como figura de linguagem invertida é clara: essas pessoas foram expulsas não *do* paraíso, mas expulsas *para* o “paraíso”: ou melhor, o anti-paraíso que seria o Acre. Confinados e isolados longe dos seus lares, dos parentes, dos amigos, da cidade e de possíveis defensores de suas causas. Todos apartados compulsoriamente das suas redes de sociabilidades humanas e espaciais, para um lugar onde tudo seria novo e diferente.

INSÓLITO IV – A MEGALOMANIA

Temos abaixo uma manchete onde o então governador do Acre, Jorge Viana, declara em 2002 ao jornal *Valor Econômico* que o estado do Acre almejava ser o equivalente a Finlândia nos quesitos qualidade de vida e proteção ao meio ambiente. Na sua entrevista, os acreanos e seu governo estariam irmanados rumo ao progresso material e consciência ambiental explorando racionalmente a natureza. Exalta o acordo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID e destaca a contribuição acreana nesse quesito como algo marcante no Brasil do século XXI. Não é megalomania somente. Há uma boa dose de altivez rombuda, adoçada com muito mascaramento da realidade social e econômica do estado.

valor

Home Brasil Política Finanças Empresas Agronegócios Internacional Opinião Leg

Suplementos & Revistas | The Wall Street Journal | Hoje no Valor | IR 2015

22/05/2002 às 01h00

"Acre quer ser a Finlândia brasileira", diz governador

Por De Brasília

Compartilhar: [f](#) [t](#) [in](#) [+](#)

O governador do Acre, Jorge Viana, compara seu Estado à Finlândia, país que combina um dos mais altos padrões de vida da União Européia e intensa cobertura florestal. Quer fazer isso colocando no mercado produtos extraídos do manejo sustentável da floresta - "que o mundo

Valor:

Como isso se encaixa numa economia planetária?

Viana: O Acre quer ser uma Finlândia brasileira. A Finlândia tem um dos mais altos padrões de vida da União Européia e a mais intensa cobertura florestal. Combinam alta tecnologia com proteção ao meio-ambiente e altíssimo padrão de vida. O projeto com o BID cria as bases para isso no Acre. O que temos para por no mercado, nós que moramos nessa faixa verde do planeta, são produtos que o mundo inteiro quer comprar e só nós podemos oferecer. Seremos a vantagem comparativa para o Brasil neste milênio.

Imagem 01: matéria do jornal Valor Econômico. **FONTE:** <https://goo.gl/Ub6iDP>. Acessado em 15 de março de 2015.

O Acre é alçado à condição de protagonista de um milênio que mal tinha começado. Seria apenas piada se alguns dados apresentados não colocassem no chão esse discurso etéreo, vazio. Dirigido notadamente ao grande centro do país através de um jornal de circulação restrita ao centro sul e ao público ligado ao mundo dos negócios e da economia nacional.

O Acre aí é um produto sendo vendido, cuja comparação precisa ser feita com um “outro” que simboliza sucesso naquilo que o Acre quer se destacar. Os acreanos, sem serem consultado são alçados à pretensão de “caboclos querendo ser finlandeses”. Mary Pratt usa o termo auto-etnografia para definir o indivíduo colonizado que se apropria dos discursos e os signos do colonizador para criar sua identidade nos termos do outro (p. 33).

Parece ser um caso análogo, pois há uma tentativa – não importa se sincera ou não – de reinventar o Acre e apresentá-lo no cenário nacional. Isso tudo articulado com a ideia de progresso, desenvolvimento e inserção do Acre nos parâmetros dos países dos países do chamado primeiro mundo e

ambientalmente responsável. Mas dados oficiais e de entidades ambientais desconstroem com facilidade essa tentativa de criar uma imagem irreal como algo real, concreto.



Imagem 02: Desmatamentos no Acre – 1996/2004. **FONTE:** Revista Veja, 11 de abril de 2007, com dados da ONG IMAZON

Ironicamente o slogan do governo de Jorge Viana era à época, como está destacado na matéria da revista *Veja* ilustrada pelo gráfico acima, “governo da floresta”. O discurso da proteção ambiental e da exploração racional da natureza é colocado em xeque, desconstruído. Pois os dados apresentados põem por terra o discurso megalomaniaco e fantasioso dado em forma de entrevista ao jornal *Valor econômico* pelo governador. Também se cria durante esta administração o discurso de que no Acre tínhamos em vez de “democracia” “florestania”, algo como cidadania na floresta, dos “povos da floresta”. Este termo nada mais é do que um neologismo carregado de abstração, vazio de conteúdo político. No Acre, parte desta Roma tropical (Brasil) que fazia alusão Darcy Ribeiro, tentou-se até substituir o dístico católico-romano *urbi et orbis* por *silva et orbis*. Contudo, a dureza dos dados oficiais teimam em nos dizer que o Acre está longe de ser o melhor lugar para se viver na Amazônia; de ter saúde de primeiro mundo; de ter a tal da florestania ou democracia substanciais para a maioria dos acreanos.

Vejam os seguintes dados, de acordo com o IBGE (2013) e Agência Nacional de Águas – ANA (2010): O estado do Acre ocupa na federação brasileira o 23º lugar em saneamento básico; o 19º lugar na coleta de esgoto e fossa séptica; é o 21º colocado na coleta de lixo domiciliar e somente o 26º

colocação no tocante às residências com rede de abastecimento de água tratada. Nesses dois casos insólitos apresentados acima, temos o exemplo de discursos voltados para um público externo e com o intuito de criar factoides, narrativas de efeitos e que chamam a atenção. Discurso que vende uma imagem falsa da chamada realidade em que vive a população acreana.

Desde muito a imagem do Acre foi cristalizada sob o espectro da negatividade, chegando a ser durante a virada do XIX para o XX como um lugar, vazio, de morte, isolado, selvagem, enfim, uma Sibéria tropical como na charge que vem a seguir. Talvez isso em parte explique essas tentativas de dizer ao “outro” que o Acre já é superlativamente o melhor em alguma coisa, e no futuro servirá de exemplo ao Brasil e o mundo. Esses dois campos de representações diametralmente opostos e exagerados, dualistas e maniqueístas, só servem para reforçar mitos e fantasias, pouco ajudando a compreensão mais acurada do que somos e podemos ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo para as considerações finais, gostaria de realçar que ainda hoje o discurso e o sentimento de um Acre isolado é algo presente em diversas narrativas locais e nacionais. Vide a cheia do rio Madeira em 2014, quando o acesso ao Acre pela rodovia BR-364 tornou-se impossível e tais narrativas imperaram em noticiários das mais variadas mídias e conversas cotidianas. O Acre como solidão, que nasce isolado e que continua isolado por obra da natureza e do homem sempre aparece/reaparece quando é útil ou insuflado por vozes de certos grupos ou indivíduos.

Em 2015 a cheia do rio Acre de 2014 já foi esquecida, pois agora tivemos “a maior cheia de todos os tempos”, segundo as autoridades e os meios de comunicação local. Como bem diz Kiening (p. 97), “colocar o estranho como mais ou menos incomparável sinaliza a possibilidade de um novo saber e possibilita a inserção do discurso”. Ao longo desse período aqui aludido, esses imaginários e discursos circularam e circulam nos jornais, panfletos, rádios, TV, fontes institucionais, trabalhos acadêmicos, redes sociais e memorialistas. Confrontos, encontros e desencontros são realidades nas zonas de contatos, às vezes necessários e, às vezes, inevitáveis.

Aimé Cesaire, em seu livro *Discurso sobre o colonialismo*, já dizia que uma civilização que se encerra em si mesma não tem futuro, que povos e

culturas devem se encontrar. O que ele critica é o discurso da superioridade, da subjugação, da negação do outro. Ele alerta que a colonização não é a melhor maneira de se estabelecer o contato, pois a colonização desciviliza e embrutece o colonizador. Essa passagem pode dar vazão para uma interpretação que justifique as barbaridades da colonização, como na estória da “ilha da consciência” situada em algum ponto da Amazônia.

Contudo, o importante a ser ressaltado é a mensagem de que não podemos viver em ilhas, reais ou mentais. Neste sentido, o Acre nunca esteve isolado, vazio e indiferente ao “outro” e para o “outro”. O Acre é multifacetado na sua concretude e nas suas representações, sejam elas geográficas, históricas, políticas, culturais, linguísticas ou econômicas. Não devemos mitificar o passado, nem ficarmos reféns do seu peso paralisante. Por mais que queiramos se apropriar do passado dos outros, ele nunca será nosso.

Assim, quero encerrar minha explanação fazendo alusão a um poema de Vinícius de Moraes e dizer que se perguntarem o que é o Acre direi, não sei. De fato não sei, só sei que o Acre é o sal em longas lágrimas amargas. Mas também é adocicado, pois a história doce, oficial, hegemônica, heroica, com bem diz Durval Muniz (2014), é mais palatável e tem mais sabor para ser consumida, deglutida e ruminada. O Acre são os acres, tantos os reais quanto os inventados, tantos os doces quanto os salgados, amargos e insípidos. Acre é sabor, história é saber. A história do Acre deve ser saboreada em todos seus tons de forma mais crítica e menos ufanista, nostálgica, épica ou lamentosa.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Por uma história acre: saberes e sabores da escrita da historiografia. In ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de & ISHII, Raquel (org.). **Desde as Amazônias: colóquios**. Volume 2. Rio Branco: Nepan, pp. 111-134, 2014.
- BILAC, Olavo. **Olavo Bilac** (seleção e prefácio de Ubiratan Machado). São Paulo: Global editora, 2005.
- CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1978.
- _____, Euclides. *À margem da história*. Belém: NEAD/Unama. Disponível em www.dominiopublico.gov.br, acessado em 20/05/2008.
- GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.
- LUCENA, Giselle Xavier D'Ávila. **O Acre (não) existe: um estudo sobre identidade, memória e mediação**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação

em Comunicação Social. PUC-MG, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KIENING, Christian. **O sujeito Selvagem: pequena poética do novo mundo**. Tradução de Sílvia Naroski. São Paulo: Edusp, 2014.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero, e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Edunicamp, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista: discurso do confronto: Velho e Novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a Sibéria tropical: prisões e desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910**. Manaus: edições UEA, 2013.

TOCANTINS, Leandro. **Formação histórica do Acre**. Brasília – DF: Senado Federal, 2000.

ZUNINO, Antonino; FERREIRA, Danilo & ORIHUELA, Carla. La construcion Del imaginário geopolítico de la Triple Frontera. In PEREIRA, Diana Araujo (org.). **Cartografia imaginária da tríplice fronteira**. São Paulo: Dobra editorial, 2014.